

A CAPOEIRA ESCRAVA  
E OUTRAS TRADIÇÕES REBELDES  
NO RIO DE JANEIRO (1808-1850)



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI

EDITORA  
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

LUCILENE REGINALDO (COORDENADORA)

JEFFERSON CANO – MARGARIDA DE SOUZA NEVES – SUEANN CAULFIELD

IARA BELELI (REPRESENTANTE DO CONSELHO)

CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES

A CAPOEIRA ESCRAVA  
E OUTRAS TRADIÇÕES REBELDES  
NO RIO DE JANEIRO (1808-1850)

2ª edição revista e ampliada

EDITORAL UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

So11c Soares, Carlos Eugênio Líbano  
A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850) /  
Carlos Eugênio Líbano Soares. – 2ª ed. rev. e ampl. – Campinas, SP: Editora da  
UNICAMP, 2008.

1. História social. 2. Escravidão. 3. Tradições culturais: capoeira; Rio de Janeiro;  
Brasil – História – Século XIX. I. Título.

20 CDD 301.29  
301.4493  
981.53

ISBN 85-268-0686-6

---

Índices para catálogo sistemático:

1. História social	301.29
2. Escravidão	301.4493
3. Tradições culturais: capoeira; Rio de Janeiro; Brasil – História – Século XIX	981.53

Copyright © by Carlos Eugênio Líbano Soares

Copyright © 2004 by Editora da UNICAMP

1ª edição, 2004

2ª reimpressão, 2021

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas  
neste livro são de responsabilidade do autor e não  
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em  
sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou  
outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)



## COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira. Ancoradas em sólidas pesquisas empíricas e focalizando práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, as obras publicadas exploram os temas da cultura a partir da perspectiva da história social. O elenco resulta de trabalhos individuais ou coletivos ligados aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp ([www.unicamp.br/cecult](http://www.unicamp.br/cecult)).

### VOLUMES PUBLICADOS

1 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*

2 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*

3 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*

4 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*

5 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*

6 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*

7 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*

8 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*

- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*.
- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*.
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*.
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*.
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaios de história social da cultura*.
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*.
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*.
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*.
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*.
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*.
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*.
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*.
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (orgs.). *Direitos e justiça no Brasil. Ensaios de história social*.
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*.
- 24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.
- 25 – VALÉRIA LIMA. *J.-B. Debret, historiador e pintor. A viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.

26 – LARISSA VIANA. *O idioma da mestiçagem. As irmandades de pardos na América Portuguesa.*

27 – FABIANE POPINIGIS. *Proletários de casaca. Trabalhadores do comércio carioca (1850-1911).*

28 – ENEIDA MARIA MERCADANTE SELA. *Modos de ser, modos de ver. Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850).*

29 – MARCELO BALABAN. *Poeta do lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888).*

30 – VITOR WAGNER NETO DE OLIVEIRA. *Nas águas do Prata. Os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá (1910-1930).*

31 – ELCIENE AZEVEDO, JEFFERSON CANO, MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA, SIDNEY CHALHOUB (orgs.). *Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX.*

32 – ELCIENE AZEVEDO. *O direito dos escravos. Lutas jurídicas e abolicionismos na província de São Paulo.*

33 – DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA. *Fábrica de contos. Ciência e literatura em Machado de Assis.*

34 – RICARDO FIGUEIREDO PIROLA. *Senzala insurgente. Malungos, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas (1832).*

35 – LUIGI BIONDI. *Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920.*

36 – MARCELO MAC CORD. *Artífices da cidadania. Mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista.*

37 – JOANA MEDRADO. *Terra de vaqueiros. Relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1990.*

38 – THIAGO MORATELLI. *Operários de empreitada. Os trabalhadores da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil (São Paulo e Mato Grosso, 1905-1914).*

39 – ÂNGELA DE CASTRO GOMES, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA (orgs.). *A Justiça do Trabalho e sua história. Os direitos dos trabalhadores no Brasil.*

40 – MARCELO MAC CORD, CLAUDIO H. M. BATALHA (orgs.). *Organizar e proteger. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX).*

41 – IACY MAIA MATA. *Conspirações da raça de cor. Escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881).*

- 42 – ROBÉRIO S. SOUZA. *Trabalhadores dos trilhos. Imigrantes e nacionais livres, libertos e escravos na construção da primeira ferrovia baiana (1858-1863)*.
- 43 – ANA FLÁVIA CERNIC RAMOS. *As máscaras de Lúlio. Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*.
- 44 – LARISSA ROSA CORRÊA. *Disseram que voltei americanizado. Relações sindicais Brasil-Estados Unidos na ditadura militar*.
- 45 – JACIMARA SOUZA SANTANA. *Médicas-sacerdotisas: Religiosidades ancestrais e contestação ao sul de Moçambique (c. 1927-1988)*.
- 46 – ANA FLÁVIA MAGALHÃES PINTO. *Escritos de liberdade: Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*.



Capoeiras, capoeiras! gente que com a testa faz n'um instante mais espalhafato que meia dúzia de Godans ébrios a jogarem o soco; gente que com a faquinha n'uma mão e o copo na outra afronta o mais intrépido valentão, mete às vezes uma patrulha no chinelo, fazendo-a amolar as gâmbias com a maior frescura do mundo; gente garrula, provocadora, que só guarda as esquinas ou as praças do mercado, rebuçada às vezes em uma velha capa, trazendo o seu cacetinho por disfarce. Eis os capoeiras!

*O Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 20/8/1849

*Aos meus pais, Múcio Emílio e Maria José, pelo carinho.  
A minha esposa, Arminda.*

## AGRADECIMENTOS

Como já tinha dito na dissertação de mestrado, o caminho da pesquisa nunca é feito solitariamente. Sempre é necessário (felizmente) o apoio de colegas, profissionais da área e mesmo de pessoas leigas, que encorajam e fortalecem o trabalho. Como sempre, pude contar com o apoio sincero e afetuoso de Adler Homero Fonseca de Castro, grande amigo e grande profissional, historiador e funcionário do Patrimônio Histórico Nacional, e de José Neves Bittencourt, do Museu Histórico Nacional. Com eles minha dívida já é impagável.

Flávio dos Santos Gomes foi novamente companheiro de jornada, fosse no Rio ou em Belém. Sua presença estimulante e crítica foi indispensável. Milton Souza foi o camarada lutador de sempre, quase personagem, guia das horas difíceis. Na Universidade Federal do Pará, onde lecionei como visitante por um ano, tive o carinho de alunos, funcionários e professores. Também não posso esquecer os alunos do *campus* de Altamira, que me receberam com calor fraternal quando ministrei curso de férias naquela cidade. A Hebert Trinta Filho, o Trinta, personagem imortal da Biblioteca Nacional, um agradecimento especial pelas tardes de conversa na BN.

No Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa, onde estive em agosto de 1994, contei com todo o apoio do presidente da Seção de Consulta, doutor Fernando, quando levantei parte da vasta documentação sobre o Rio de Janeiro do século XVIII. Em Angola, no Arquivo Histórico Nacional de Luanda, onde trabalhei em janeiro e fevereiro de 1995, junto com uma missão de pesquisadores do Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes, do Rio de Janeiro, fui rece-

bido fraternalmente por Rosa Cruz e Silva, diretora do Arquivo. Além dela, tive a grata satisfação de conhecer a professora Conceição Neto, uma das maiores historiadoras de Angola. Pude retribuir o carinho quando tive a oportunidade de apresentá-la ao professor Robert Slenes, da Unicamp, grande estudioso da memória africana em terras brasileiras.

No Arquivo de Marinha, do Centro de Documentação da Marinha, da ilha das Cobras, pude contar com o apoio valioso do então diretor, capitão-de-coveta John Lionel Toledano, e dos funcionários Juanyr Fernandes Ferreira, Guaracy Guimarães Coelho Duarte e Márcia Regina Pinho Gomes. No Arquivo Nacional, pouco seria feito sem o apoio de Sátiro Ferreira Nunes e de Maria Helena, Valéria Morse, Rogério Masala de Araújo e Jacques Pinheiro. Esse arquivo foi o principal repositório das fontes documentais utilizadas neste livro. Na Biblioteca Nacional, Régia Helena, Leni Martins Vilela e Jorge foram aquela palavra amiga que ajudava a enfrentar horas de pesquisa em jornais e documentos. Para escavar os documentos da Irmandade de Santa Efigênia e Santo Elesbão, contei com o apoio indispensável do senhor Roberto, funcionário da Igreja de Santa Efigênia.

Na Unicamp, pude contar com todo o apoio do professor Robert W. Slenes, que dirimiu infinitas dúvidas sobre as questões mais espinhosas da cultura escrava, fornecendo-me rica bibliografia estrangeira. Na Bahia não faltaram a amizade e a visão crítica do professor João José Reis, pesquisador histórico da escravidão, e de suas alunas Cristiane, Isabel e Adriana e o apoio sereno e fraterno de Jair Moura e de José Frederico Abreu, conhecedores imortais da capoeiragem. Muito axé.

Fiquei muito feliz quando, gentilmente, a professora Mary C. Karasch aceitou o convite para participar de minha banca. Foi nos tempos da graduação — lá pelos idos de 1987 — que conheci seu trabalho monumental sobre o Rio de Janeiro, e desde o primeiro momento fiquei completamente fascinado com a pesquisa colossal e a forma simples de escrever da professora Karasch. Sem exagero nenhum, entendo não existir leitora crítica mais capacitada na face da Terra para avaliar este trabalho.

Dentre os pesquisadores dos Estados Unidos que sempre me foram de grande valia e fraternal apoio, não posso deixar de citar Sueann Caulfield, da Universidade de Michigan, e Peter Beattie, da Michigan State University. Nireu Cavalcante foi amizade permanente dos arquivos. No fim da jornada, a palavra franca e a amizade sincera de Marcos Vinicius Ribeiro, da Biblioteca Nacional, e Ilmar Rolhof de Mattos, da PUC, foram um estímulo poderoso para continuar a luta. Na mesma linha, o apoio das professoras Margarida de Souza Neves e Yvonne Maggie foi uma força vital para romper o isolamento natural da lide acadêmica.

No Centro de Estudos Afro-Asiáticos, não posso esquecer as duas bolsas de pesquisa conseguidas nestes quatro anos e meio de doutorado — a primeira em 1994, sobre as fontes da antiga Casa de Detenção da Corte referentes aos presos por capoeira na segunda metade do século XIX, e a segunda em 1997, sobre as *casas de angu* ou *zungus* de africanos no Rio por todo o século XIX —, que me ajudaram a definir novas fontes sobre cultura escrava que, de uma forma ou de outra, entraram nesta obra. A partir de 2000, o CNPq me possibilitou continuar a trabalhar com escravidão urbana, abordando agora as misteriosas pretas minas quitandeiras do Rio imperial, por meio de uma bolsa de Produtividade e Pesquisa.

Os amigos são fundamentais. Gino Negro foi o braço amigo todo o tempo. É difícil dizer quanto ele me ajudou, pois seu coração generoso é sem fim. Lúcia Helena, Regina Freire, Sandra Molina, Adriana Barão, foram os anjos da guarda. Impregnado das navalhas dos capoeiras e das espadas dos policiais, com elas consegui um pouco de ternura. Das vozes amigas da Unicamp, guardo no coração Álvaro, Robson, Zé Carlos da Biblioteca e tantos outros. Minha diretora da Escola Municipal Conde de Agrolongo, Alcina, foi de um estímulo vibrante.

Nos mundos da capoeira, o exemplo vitorioso de mestre Camisa me envolveu num manto de sinceridade, calor humano, solidariedade, dele e de seus milhares de alunos mundo afora. Continuamos ombro a ombro a jornada da vitória.

Nos últimos dois anos trabalhando na Universidade Severino Sombra, pude ter a felicidade de reencontrar antigos

professores, hoje colegas, como Lincoln de Abreu Penna, Filomena Gebran, Miridan Knox e outros, que fizeram parte de minha história na graduação, e o prazer de conviver com grandes mestres, como Maria Yeda Leite Linhares. Um agradecimento especial a Neide Benevides, para sempre minha pró-reitora. O general Severino Sombra, que tive o privilégio de conhecer no seu último ano de vida, ficará eternamente na memória como um exemplo de fé, força e dignidade.

A Universidade Federal da Bahia me recebeu de braços abertos como professor adjunto em 2003 e atualmente é a casa onde leciono, cercado de amigos e profissionais da mais alta competência.

Na família, o apoio na luta. A minha esposa Arminda, trabalhadora, corajosa e carinhosa a um só tempo, tenho de pedir perdão pela ausência mesmo estando presente. Meus pais, quando saiu o livro do mestrado, encheram-se de orgulho e agora souberam que o caminho é ainda mais difícil. Mas a confiança em mim é cada vez maior. Meus sobrinhos me encheram de alegria, nas poucas horas que pude compartilhar com eles.

Em setembro de 2000 nasceu minha filha, Yasmim, que é a luz da minha vida desde então. Ela também é um sonho realizado.

Todos aqui, de uma forma ou de outra, ajudaram. A todos eles dedico este trabalho de luta, fé, esperança e coragem.

## SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	17
PRELÚDIO .....	21
Notas .....	31

### Capítulo 1

DE ESCRIVÃES E ROMANCISTAS: A CAPOEIRA ANTIGA NAS LETRAS .....	35
1. Rusgas etimológicas .....	49
2. Nos campos da historiografia .....	54
Notas .....	69

### Capítulo 2

DE CABINDAS E CRIoulos: AS NAÇÕES DA CAPOEIRA .....	73
1. Devassas e calabouços .....	92
2. Na <i>Presiganga</i> .....	95
3. No tempo dos regentes .....	99
4. Os anos derradeiros .....	114
5. Nações e etnias .....	124
6. Ondas de capoeiragem .....	134
7. Conclusão .....	141
Notas .....	146

### Capítulo 3

DA PIAÇAVA AO ATERRADO: A GEOGRAFIA DAS MALTAS .....	165
1. Na Corte de dom João .....	171
2. No tabuleiro da cidade .....	178
3. O caldeirão urbano .....	190
4. A cidade escrava .....	194
5. Angus e zungus .....	199
6. Nos subterrâneos da Corte .....	217

7. Os últimos cenários .....	223
8. Epílogo .....	229
Notas .....	233

#### Capítulo 4

DA <i>Presiganga</i> AO DIQUE: OS CAPOEIRAS NO ARSENAL DE MARINHA .....	247
1. Libambo e arganéu: os castigos .....	258
2. Rebeliões e levantes .....	261
3. Fugas atlânticas .....	268
4. A ilha escrava .....	278
5. Vadios e capoeiras .....	288
6. Conclusão .....	302
Notas .....	305

#### Capítulo 5

DE MOTINS E REVOLUÇÃO: OS CAPOEIRAS E OS MOVIMENTOS POLÍTICOS DE RUA .....	323
1. Sob a fúria dos cabras .....	341
2. O êxodo mina .....	355
3. Aos pés da Coroação .....	391
4. Arremate .....	412
Notas .....	414

#### Capítulo 6

DE VIDIGAL A EUSÉBIO: A ESTRATÉGIA DO TERROR .....	427
1. Nas garras do “Onça” .....	432
2. À sombra do intendente .....	442
3. O interregno liberal .....	460
4. Ao som do “Aragão” .....	474
5. Tempos de Eusébio .....	483
6. As últimas batalhas .....	518
Notas .....	549

EPÍLOGO .....	575
---------------	-----

FONTES .....	578
--------------	-----

BIBLIOGRAFIA .....	586
--------------------	-----

ANEXO .....	593
-------------	-----



## PREFÁCIO

Quando comecei a pesquisa para o meu *Slave life in Rio de Janeiro, 1808-1850*, em 1968, eu não sabia nada sobre a capoeira. Diferentemente dos jovens americanos de hoje, que podem estudar ou aprender sobre ela com um mestre brasileiro, eu tive de descobrir a capoeira sozinha, nos arquivos do Rio. Como estrangeira, levei muitos anos para encontrar informações suficientes sobre a capoeira no século XIX, de modo que pudesse descrevê-la brevemente em *Slave life*. Jamais imaginei que um livro inteiro seria escrito sobre a evolução histórica da capoeira no Rio no princípio do século XIX e que a pessoa que conseguiria fazer isso seria Carlos Eugênio Líbano Soares. Ele também havia escrito sobre a capoeira depois de 1850, em seu livro *A negrada instituição: os capoeiras na Corte imperial, 1850-1890*.

Carlos Eugênio partiu do meu livro e de outras descrições superficiais da capoeira naquele período e ultrapassou-as. Durante a pesquisa intensiva para sua tese de doutorado — que incluiu uma visita ao Arquivo Histórico de Angola, em 1995 —, ele descobriu novas fontes arquivísticas sobre a capoeira, especialmente os registros de Polícia e de prisão, que eram desconhecidas para mim, Thomas Holloway ou outros especialistas. *A capoeira escrava* é solidamente baseado em fontes de arquivo, incluindo os registros policiais. Ele não repete meramente os mitos usuais sobre a capoeira, mas acrescenta novas descobertas ao corpo do nosso conhecimento histórico sobre essa dança e arte marcial nos princípios do século XIX.

Nos capítulos iniciais, Soares examina o papel dos africanos novos na evolução da capoeira. Seu estudo sobre os africanos presos “por capoeira” revela que a maior parte deles era

constituída de homens jovens da África Centro-Occidental, isto é, Angola, Congo e Cabinda. Ele rastreia sua presença na cidade pelos bairros e demonstra a evolução de uma cultura de cores, especialmente o amarelo e o vermelho, nos barretes e nas fitas usados pelos presos por capoeiragem. Encontramos jovens capoeiras em “gangues” precoces, que deram origem às maltas no século XIX, e observamos a evolução de seus costumes e conflitos com a Polícia. Soares descreve seu papel na resistência escrava e no desafio à Polícia em práticas como a de escalar as torres da igreja e tocar os sinos com o próprio corpo. À medida que mais africanos eram importados para o Rio, eles cresciam em força e desafiavam os senhores de escravos e a Polícia, especialmente nos turbulentos anos de 1840. Uma das grandes forças de *A capoeira escrava* é que Soares pôde documentar a progressiva evolução da capoeira em seu contexto político e cultural, incluindo o papel dos capoeiras nos movimentos políticos e a repressão à revolta dos mercenários estrangeiros em 1828, e nos conflitos de rua. Ele argumenta convincentemente que o desafio da capoeira à escravocracia não era mera paranóia da parte dos senhores, mas uma realidade constante.

A resistência e a construção de comunidade são um lado do uso habilidoso que Soares faz dos arquivos de Polícia. O outro lado é o quadro que ele pinta do controle social e policial, especialmente do papel do chefe de Polícia Eusébio de Queirós, que nunca subestimou seus oponentes. Ele não apenas explora a ideologia da repressão implementada por Eusébio e outros chefes de Polícia, mas também documenta o alto preço pago pelos capoeiras — ao menos 300 chibatadas a partir de 1818 — por sua corajosa resistência à escravidão. Soares leva o leitor para dentro das aterrorizantes cadeias que aprisionavam os capoeiras e outros escravos que desafiavam a ordem escravista, onde se misturavam aos prisioneiros políticos da revolta da Cabanagem, no Pará (para grande temor do chefe de Polícia, que temia que estes espalhassem suas idéias perigosas entre os escravos capoeiras). Suas descrições do tratamento cruel infligido aos prisioneiros do Arsenal de Marinha, que trabalhavam no Dique da ilha das Cobras, acrescentam um novo capítulo ao nosso entendimento do controle social na sociedade escravista.

Em acréscimo a suas outras contribuições, Soares confronta-se com os debates históricos sobre as origens da capoeira na África e no Brasil. Chegando a suas conclusões, ele explora as danças e artes marciais encontradas em outros lugares das Américas, assim como em Angola. Soares sustenta de modo convincente as evidências de que centro-africanos da região do baixo Zaire, residentes na cidade do Rio de Janeiro, desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da capoeira. Mas também observa, por outro lado, que a capoeira teve muitos "pais".

É uma honra e uma satisfação recomendar *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)* ao leitor, como uma contribuição indispensável para os estudos da diáspora africana. Entretanto, mais que isso, o leitor irá entrar no drama da guerra entre os escravos e a Polícia, travada nas ruas do Rio de Janeiro em princípios do século XIX. Quem ganhou? Quem perdeu? Talvez a resposta venha apenas no futuro, à medida que a cultura brasileira entre no mercado global. O que apreciamos hoje, mesmo de uma distância como a que separa o Rio de Janeiro (Michigan), são a graça e a habilidade da dança e da arte marcial. Para além de seu sofrimento e resistência, os escravos do Rio forjaram uma extraordinária tradição cultural que merece ser estudada pelos historiadores, e Carlos Eugênio Líbano Soares escreveu um livro importante que ilumina a natureza de sua luta, assim como a força dos seus inimigos. Já não poderemos olhar a capoeira no século XIX como mero folclore.

Mary C. Karasch  
Rochester (Michigan)  
13 de agosto de 1999

